

Recebi um convite da Juliana Capibaribe para dançar no vernissage da exposição do laboratório de artes visuais do Porto Iracema das Artes, em seu projeto “A Rezadeira Vândala” Aceitei de cara, admiro Juliana não só pelo engajamento que tem com seu trabalho, mas principalmente com toda verdade que o cerca e o preenche.

Perante toda uma dificuldade com o repasse de verba atrasado que influenciava no acabamento da obra, nervos a flor da pele e tolerância a lactose, Juliana me esclarecia como as coisas estavam andando e de como seria nossa dança. Simples, vem para assistir a exposição e depois dança comigo, disse. Olhava nos meus olhos e perguntava:

-posso contar com você ?

-Sim.

-Vai ser lindo. E assim foi.

“A todo instante o sujeito simboliza por meio de seu corpo (seus gestuais, suas mímicas etc.) a totalidade de sua relação com o mundo. Nesse sentido, o corpo, quaisquer que sejam as sociedades humanas, está sempre significativamente presente. Entretanto, as sociedades podem escolher colocá-los à sombra ou a luz da sociabilidade. Elas podem escolher entre dança e olhar, entre embriaguês e o espetáculo, entre inclusão ou a exclusão relativa das modalidades sensoriais e cinéticas da condição humana.” -Antropologia do corpo e modernidade David Le Breton.

Coloquei meu corpo em experiência, dancei ouvindo meu coração. Logo deitei no chão e a Rezadeira Vândala se fez presente, naquele momento todos olhavam para gente enquanto partilhávamos aquele dialogo sensório, não havia espetacularização, mas quem assistia sentia a curiosidade de saber como é entregar seu corpo para uma reza.

Uma ação de reza em comunhão

Visitando o interior do meu interior

-Pare, silencie calma, respire, sinta o cheiro, me de ar, isso, isso manda pra cá aêê... Respira de novo, manda o ar para cá para mim.

Sentia o peso do corpo no chão a ponto de não sentir nem mais o “corpo-chão” era como voar em nuvens, a minha infância era meu espírito vivo e cheio de autonomia,

lembra de quanto tu era menino ?

O que tu via ?

O que tu escolhia ?

Era como ter os braços da minha mãe me envolvendo e sentir cheiro de chuva, areia molhada nos pés. Conversava com Juliana sem dizer nem uma palavra, conversava comigo, com Deus com meu coração, foi divino e acolhedor. Tomo esta experiência como um alpinista paralisado pela altura de um precipício, não faz sentido, como um alpinista pode ter medo de altura? mas foi assim que tocando suas mãos de dedos longos em meus olhos que estavam fechados e nos

meus ouvidos atentos ao que dizia que Juliana me fez sair do eixo. Sair do meu eu para se encontrar comigo, testemunha do tempo e não mais afetado por ele.

E tudo se fez dança, meu desejo era me desnudar cada vez mais, percebi que havia muitas cebolas ali para serem descascadas, mas é tudo que tenho. Desculpa é tudo que tenho a oferecer.

Desculpa

Desculpa

Sentia saudade de casa, de ser menino de correr e pegas estrelas de sol e quintal, sentia falta da vó na varanda e das tias, sentia o peito soluçar, queria dançar, dançar muito dançar mais.

Mentira, ainda quero. Este desejo ainda pulas a Rezadeira Vândala já more em mim.